



**Cultura**

Revista de História e Teoria das Ideias

**Vol. 30 | 2012**

**A justiça na Antiguidade**

---

## Esboço do Quadro de Cebes

*Outline of the Tablet of Cebes*

**Manuel Augusto Naia da Silva**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1695>

DOI: 10.4000/cultura.1695

ISSN: 2183-2021

### **Editora**

Centro de História da Cultura

### **Edição impressa**

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Paginação: 207-213

ISSN: 0870-4546

### **Referência eletrónica**

Manuel Augusto Naia da Silva, « Esboço do Quadro de Cebes », *Cultura* [Online], Vol. 30 | 2012, posto online no dia 07 janeiro 2014, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1695> ; DOI : 10.4000/cultura.1695

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM – Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

---

# Esboço do Quadro de Cebes

*Outline of the Tablet of Cebes*

**Manuel Augusto Naia da Silva**

---

- 1 O *Quadro* ou *Tábua de Cebes*, ou ainda sob a designação de *Quadro da Vida Humana*, atravessa os séculos com a sua mensagem e sucessivas edições a partir do grego e do latim.
- 2 Trata-se de um escrito de autoria anónima, encimado com a figura de Cebes de Tebas, uma personagem que se supõe ter vivido no século anterior ou posterior à era cristã,<sup>1</sup> um epígono do renascimento do pitagorismo no período helenístico. Pretendia esta frente cultural e ideológica uma interpretação alegórica da mitologia clássica no sentido da descoberta de princípios filosófico-teológicos a fazer vingar no tempo. A tudo isto se acrescenta algo da moral estóica e pitagórica, com alguma aceitação, depois, nos meios cristãos, em ordem à reflexão sobre estados de alma de cada indivíduo quanto ao seu projecto de vida.
- 3 Mas o interlocutor que vai formulando as questões pode estar sinalizado em tempos mais remotos. É que, se, por um lado, este diálogo filosófico também pode remontar pretensamente a Cebes, discípulo de Sócrates, personagem participante do *Fédon* de Platão, ao mesmo tempo que o contexto ocorre num templo dedicado a Saturno, deus romano, por outro, a figura do *Génio* – *Genius / Daimonion*: Δαιμόνιον – é assumida, ao longo dos tempos, sem grande dificuldade, como o *Anjo da Guarda* cristão.
- 4 Formalmente, a obra de arte exposta à entrada do templo de Saturno enraíza-se, quanto às personagens e ao enquadramento, no humanismo pagão; por sua vez, o conteúdo, para além do mais, revela apoio e propósitos de índole cristã. Todo o progresso ético figurado nesta pintura reflecte claramente uma mentalidade inerente aos parâmetros morais vigentes ao longo do período medieval, onde o conflito entre o *Vício* e a *Virtude* coloca o homem numa luta decisiva de que o crente deve sair vencedor mediante uma abnegação sem medida, entre a protecção de Deus e a ameaça do castigo eterno.
- 5 Dir-se-á, também, que o texto havia de preservar como objectivo primacial a formação literária e comportamental das novas gerações. Além disso, havia de inspirar igualmente obras de arte proeminentes, tais como o “Carro de Feno” de Jerónimo Bosch e os “Sonhos” de Francisco de Quevedo.

- 6 A importância desta alegoria sobre a vida humana desponta sobretudo a partir do século XVI por meio de diversas edições em língua grega a que corresponde ainda um maior número de transposições para latim. Aliás, o texto grego era particularmente utilizado para a didática da língua. Nas mais diversas versões, é também acompanhado de iluminuras explicativas em outras tantas edições, conforme os meios técnicos ao alcance no tempo, sendo a primeira de todas elas a que foi impressa em 1496, em Florença. Depois, em 1512, veio à luz uma edição aldina, a que se seguiram outras em língua latina.<sup>2</sup>
- 7 Ambrosio Morales, cronista do rei Filipe II de Espanha, ao comentar uma versão livre do texto grego, por ele mesmo levada a efeito, já traduz também o significado desta alegoria em termos cristãos: às três categorias de pessoas, no paradigma de Platão, movidas respectivamente pelos sentidos, pela razão e pelas virtudes, correspondem os pecadores, os justos e os perfeitos, com a ressalva de os justos poderem também alcançar a *morada dos bem-aventurados* – *beatorum domicilium* / εὐδαιμόνων οἰκητήριον.<sup>3</sup>

Kebhtos Qhbaiou Pinac: ΚΕΒΗΤΟΣ ΘΗΒΑΙΟΥ ΠΙΝΑΞ



Hans Sachs – 1551



Francisco Foppens – 1672

- 8 O quadro abrange três círculos ao longo de uma montanha subida, do mais amplo, no sopé, até ao nível mais alto e mais estreito, que dá acesso à bem-aventurança, o fim almejado por todos os que empreenderam duras lutas ao longo da vida. Duas personagens fixam-se à entrada do primeiro círculo, portadoras do bem e do mal, que oferecem como opções a assumir por cada um dos pretendentes à posse da coroa final. Depois, num segundo estádio, emergem os obstáculos sob a simbologia da tentação protagonizada sobretudo pela sedução da mulher, a fonte do prazer contrário a este projecto de vida, estereótipo a que não é certamente estranha a inspiração bíblica. O primeiro círculo abre a via a todos esses obstáculos; à entrada do segundo círculo, detém-se a suposta *Verdadeira Doutrina* que só é vencida pelos que se dispõem a sorver uma poção purificadora até serem acolhidos pela *Doutrina* (Παιδεία), no meio da *Verdade*, (Ἀλήθεια) e da *Persuasão* (Πειθώ). A primeira destas últimas três passa por ser uma notável senhora, sentada numa pedra quadrada – em contraste com o primeiro dos obstáculos a transpor, a *Fortuna* (Τύχη), sobre uma pedra flutuante, por isso, redonda –, que recebe os vencedores. Acontece finalmente o encontro com a *Ciência* – *scientia* / ἐπιστήμη –, com as *Virtudes* – ἀρεταί –, suas acompanhantes, até chegar à *mãe*, isto é, à *bem-aventurança* (εὐδαιμονία).
- 9 Tratando-se de um diálogo filosófico-moral, que joga com a personificação de valores – virtudes ou vícios<sup>4</sup> –, ganha relevo a escolha adequada de vocábulos, no confronto de duas ideologias expressas em outras tantas línguas. Num relance sobre todas essas designações, verifica-se, em primeiro lugar, que a polissemia dos vocábulos obriga à escolha de sentidos. Cite-se, por exemplo, o vasto campo semântico constante no vocábulo θυμός, que se particulariza no latino *iracundia* com o sentido próximo de *cólera*; a abrangência do termo παιδεία reduz-se a *eruditio*; μετάνοια ou μεταμέλεια aponta para algo semelhante ao retorno, à mudança ou conversão, ao *arrepentimento*: *poenitentia*. De salientar a diferença entre *fortaleza* de ânimo (ἀνδρεία) e *força* física (ἰσχύς). Em segundo lugar, a versão em

língua latina nem sempre recorre aos mesmos vocábulos, contando com mais de uma opção. É o caso de ἄγνοια, com *ignorantia* e *ignoratio*; de ακρασία, com *incontinentia* e *intemperantia*; de άσωτία, com *luxus* e *olésti*; de λύπη, com *maestitia*, *moléstia*, *dolor* e *aerumna*; de ὀδύνη, com *aerumna* e *moléstia*. Em situação inversa, encontram-se os seguintes vocábulos: *poenitentia*, com μετάνοια e μεταμέλεια; *olésti*, com άσωτία e ἡδουπαιδεία; *aerumna* e *moléstia*, com ὀδύνη e λύπη. Verifiquem-se, ainda, as lacunas existentes nas enumerações correspondentes nas respectivas línguas: num caso, a não-existência de qualquer vocábulo, em língua grega, correspondente à expressão *vacuitas a perturbationibus*; noutro, o acréscimo, sem um equivalente em latim, do vocábulo ἀπληστία.

- 10 O texto latino<sup>5</sup> contém, após a parte narrativa da caminhada constituída pela explicação do guia, já *ancião* – *senex quidam* / γέρων τις<sup>6</sup> –, ao seu interlocutor visitante do templo (a não ser no título do frontispício e numa última referência em fim de texto, o nome “Cebes” não consta),<sup>7</sup> sobre o quadro em questão, uma reflexão retrospectiva, não acompanhada, na parte final, pelo texto em língua grega.<sup>8</sup>
- 11 Após a coroação final, os obstáculos, que tiveram de ser ultrapassados pelos concorrentes, receberam do guia a designação de *feras* / *belluae* / θήρια. Ao terminar a caminhada, surge a interrogação do interlocutor visitante acerca do que vai acontecer a cada herói vencedor: *o que é que faz, para onde é que ele vai?* / *Quid facit, quo abit?* / τί ποιεῖ, ἢ ποῦ βαδίζει;
- 12 Entram em cena, então, as *virtudes* que convidam os triunfadores a regressarem à fase inicial da caminhada que haviam trilhado. A surpresa é que agora, com a obtenção da bem-aventurança, ficam livres dos perigos por que passaram – *in tuto est* / αὐτῶ ἄσφαλεία. Depois de nova interpelação, em língua grega, com a mesma formulação atrás citada mas, em latim, ligeiramente diferente – *Quid agit aut quo vadit?* –, o guia assegura que a *Doutrina* (*eruditio* / παιδεία) conduz à *Ciência das coisas favoráveis* (*conducibilium rerum scientiam* / ἐπιστήμην τῶν συμφερόντων), que tornam firmes as boas opções e levam à percepção clara das más opções dos outros. Só depois o guia considera concluída a fábula constante no quadro, mas propondo-se continuar – *Enarrabo enim omnia* / πάντα ἐγὼ ἐξηγήσομαι –, o que faz depreender que a descrição e a reflexão sobre o quadro ainda não se esgotaram.
- 13 Surge, então, o papel das “Letras” e das “disciplinas” atinentes – as que Platão considerava *freio para os adolescentes* (*adolescentibus fraeni* / ὡσανεὶ χαλινοῦ τινος δύναμιν [...] τοῖς νέοις), isto é, úteis mas não determinantes para o progresso humano e espiritual na prossecução do triunfo até à bem-aventurança. Há quem as dispense, transitando, por isso, do primeiro para o terceiro círculo. Mais do que a apreensão destas disciplinas, urge a *conversão* ou *arrepentimento* / *poenitentia* / μετάνοια / μεταμέλεια.
- 14 Daqui passa para a compreensão do que se define como *bem* e como *mal*.<sup>9</sup> Em primeiro lugar, tudo depende do *uso* ou prática das coisas e não das coisas em si, que nem são boas nem más. Muitas vezes, as circunstâncias alteram a qualidade, tornam algo bom ou mau. Uma outra razão é a *origem* das coisas: o bem não pode vir do mal e vice-versa. Apesar de tudo, há coisas em que a sua qualidade se impõe por si mesma: por um lado, a *Inteligência* e a *Sabedoria* como fontes da justiça e, por outro, a *Ignorância*, que dá acesso à tirania.
- 15 O autor, na figura do “ancião”, deixa o texto em aberto, capaz de prosseguir, para algo mais – *quid amplius [...] percontari* / τι προσπύθησθαι –, a reflexão sobre a vida e as suas linhas determinantes. Quase a terminar, no que a esta matéria diz respeito, confessa-se

ter mergulhado num certo grau de dúvida, sem a firmeza de ideias que pretendia: *haud me firmum in hocce iudicio*. Lamenta, também, ter de recorrer, para a urdidura da sua exposição e consequentes conclusões, ao jogo das imagens alegóricas e não da própria realidade: *sententiam hanc imaginando*.

- 16 No entanto, o guia acha-se com capacidade para suscitar uma compreensão suficiente do quadro em questão. Mais de uma vez afirma a sua disponibilidade para um maior e mais clarificador desenvolvimento da apresentação do quadro – *enarrabo enim omnia / Ego enim vobis dicam / πάντα ἐγὼ ἐξηγήσομαι / ἐγὼ γὰρ ὑμῖν φράσω*. Por outro lado, a finalidade do quadro não é uma mera teoria, mas uma aplicação prática. A compreensão do quadro tem de comprometer os visitantes – *hospites / ξένοι* –, sob pena de o autor da obra não chegar ao cumprimento dos seus propósitos. Daí o seu carácter homilético, o que traduz uma mensagem de cunho cristão sob uma roupagem pagã. Nesse sentido, o apelo ao terminar: *nisi ista feceritis rerum usum ... persequimini*.
- 17 O tom marcadamente persuasivo também emerge quando o interlocutor visitante questiona a mensagem do Génio, dirigida aos que entram na vida. Trata-se de um apelo destinado à coragem da parte de todos, para vencer os obstáculos ao longo do caminho. A resposta é que a ninguém falte esse ânimo: *Ut bonis animis sint / Θάρρειν*. E dirige-se directamente a cada um dos visitantes no sentido de a mensagem do quadro do templo de Saturno ter repercussão directa nas suas vidas: *Quare bonis animis este et vos / Διὸ καὶ ὑμεῖς θάρρειτε*. Aliás, este apelo já tinha sido dirigido pelo *ancião-guia*, quando inicialmente fora convidado a descrever o significado do quadro, a tal ponto que a sua compreensão, pelo facto de poder questionar as suas próprias vidas, como que constituía um *perigo* – *enarrationem periculi non expertem / ἐπικίνδυνόν τι ἔχει ἡ ἐξήγησις* – para os visitantes. Mas valeria a pena correr esse *perigo* – conclui ele a este propósito –, porque a sua compreensão poderia proporcionar uma mudança para melhor: *prudentes et beati evadetis / φρόνιμοι καὶ εὐδαίμονες ἔσεσθε*.
- 18 A Grécia (Platão, Cebes, Pitágoras, Parménides, Esfinge, Dialécticos, Peripatéticos) e Roma (Saturno, Génio) envolvem um texto assumido já com propósitos de apologética cristã. A descrição do quadro chega a lembrar os ícones orientais utilizados, durante séculos, para o ensino do cristianismo e acentua o tom moralizante para a transformação das pessoas que queiram compreender a prática dos valores que tal obra preconiza. A sorte de cada um joga-se entre a adesão à proposta de assentar o programa de vida numa *pedra redonda* – *faxum rotundum / λίθος στρογγύλος* – ou numa *pedra quadrada* – *faxum quadratum / λίθος τετράγωνος*; por outras palavras, assentar a vida, ou no que é volúvel, passageiro, ou no que é consistente e duradouro na construção do futuro do homem.
- 19 A área das ciências humanas – *Litterae et caeterae disciplinae / Γράμματα καὶ τῶν ἄλλων μαθημάτων* – assume um carácter de indiferença em ordem à perfeição, à conquista da cidadela ou do *castelo* – *arx / ἀκρόπολις* –, só possível de alcançar a quem, munido de apoios adequados, for perseverante numa certa *prática de vida* (*usus vitae/ ἔξις*). Mas, consoante o epílogo do texto latino – que atribui este diálogo ao “socrático Hércules” e ao “platónico Cebes” –, torna-se claro que, no que ao porvir diz respeito, as dúvidas sobre o sentido e as implicações profundas da vida nunca deixarão de subsistir na substância do viver de cada ser humano.

---

## NOTAS

1. Maria Helena U. Prieto, *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001, p. 95. No entanto, facilmente se condescende em alargar os limites temporais da possível autoria a todo o período imperial romano.

2. Desde muito cedo, *A Tábua de Cebes* foi objecto de inúmeras edições, por um lado, pela riqueza do seu conteúdo e, por outro, pelo seu valor didáctico na aprendizagem da língua grega, a par de alguns textos de Isócrates. Durante muito tempo foi publicada de parceria com o *Manual de Epicteto*. No século XIX, C. S. Jerram enveredou por apresentar a versão isoladamente (*Cebetis Tabula*, Oxford, The Clarendon Press, 1878). Sobre as diversas versões registadas no século XVI, é de realçar a listagem oferecida por Sandra Sider, *Cebes' Tablet Facsimiles of the Greek Text, and of Selected Latin, French, English, Spanish, Italian, German, Dutch and Polish Translations*, New York, The Renaissance Society of America, 1979. No final, a autora cita a ainda escassa bibliografia da época. Neste século é também de sublinhar a volumosa obra, com comentários, de Hieronimus Wolf, *Epicteti Stoici Philosophi Encheiridion Item, Cebetis Thebani Tabula...*, Colónia, Officina, Birckmannica, 1596. A mensagem moralista da *Tábua de Cebes* levou a que esta obra fosse não apenas traduzida literalmente mas dela se elaborassem paráfrases acrescidas de comentários. Certamente com intuítos de divulgação noutras paragens, assinalemos P. Lozano y Casela, *Paráfrasis árabe de la Tabla de Cebes*, Madrid, Imprenta Real, 1793. Sobre traduções latinas durante o período do Renascimento, vale a pena citar Cora E. Lutz, “PS Cebes”, in *Catalogus Translationum and Commentaries*, VI, Washington, Catholic University of America Press, 1986; Sandra Sider, “Addendum to Ps.” in *Catalogus Translationum and Commentaries*, VII, Washington, Catholic University of America Press, 1990. As referências iconográficas são decorrentes do comentário aos textos, mas, neste âmbito, ainda se acrescenta: Reinhardt Schleier, *Tabula Cebetis*, Mann Verlag, 1973; Pilar Pedraza, “La Tabla de Cebes: un juguete filosófico”, *Boletín del Museo e Instituto Camón Aznar*, 14, 1983, 93-110; Lebegue, “Le peintre Quentin Varin et le tableau de Cébès”, *Révue des Arts*, II, 1952. Em Portugal, nos séculos XVIII-XIX, a *Tábua de Cebes* foi traduzida pelo docente de grego na cidade de Braga, António Teixeira de Magalhães (Porto, Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1787), voltando a ser editada uma segunda vez (Lisboa, Tip. Rollandiana, 1819). Ao título de ambas as edições – *Quadro da Vida Humana ou Taboa de Cebes Thebano* – se acrescenta que o autor é filósofo platónico e tem por objectivo valores morais no sentido de um viver sábio e prudente. Esta obra merece a citação de Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

3. *Las obras del maestro Hernán Pérez de Oliva*, Córdova, Gabriel R. Bejarano, 1586.

4. As obras de conteúdo moralista atravessam toda a literatura clássica, abarcando em pleno a Idade Média sob o patrocínio da cultura cristã, largamente dominante e protagonizada por inúmeros autores. Poderíamos remontar ao século V a. C., com Píndaro (I.8.50-56), ao incitar a juventude dos jogos a rivalizar com os deuses (ἀντίθεοι), a amar a excelência (ἀρίφιλοι). Para essas metas exigiam-se determinadas virtudes como a *moderação*, a *temperança* (σωφρονέες), próprias dos *prudentes* (πινυτοί) munidos da *fortaleza* (ἀνορέα). Não será difícil vislumbrar, nestas competências, as chamadas *virtudes cardeais* que os estóicos exploraram e o cristianismo assumiu. Estas mesmas virtudes haviam de ser realçadas por Durer, sob uma figuração de quatro mulheres, no *Grande carro triunfal de Maximiliano I*. Entre nós, a oposição *virtudes/vícios* havia de ser tratada, em moldes iconográficos, por João de Barros, no século XVI, como uma árvore em crescimento, onde o homem surge da raiz até chegar ao mais alto – a felicidade. Enquanto na ramagem, à

esquerda e à direita, despontam os *excessos* e os *defeitos*, no tronco crescem as *virtudes*, das quais as três últimas são as designadas *teológicas*, as que atingem a perfeição.

5. Jacobus Gronovius, Joannes Casparus Schroderus, *Epicteti Enchiridium cum Cebetis Thebani Tabula, Graece et Latine*, Delphis, Beman, 1723 – La Vergne, TN, USA, Nov. 2009 (fac-simile).

6. Com esta mesma designação que os textos registam, reservamos o vocábulo “ancião” para o explicador do quadro; o de “velho” para a personagem de entrada.

7. O nome “Cebes” aparece no frontispício do texto: Κέβητος Θεβαΐου / Cebetis Thebani. No final do texto latino, regista-se que o diálogo ocorreu entre “Cebes” e “Hércules”.

8. Este apêndice, somente em língua latina, é introduzido da seguinte forma: “*Reliqua Graece nondum reperta sunt. Quae textus Arabicus habet, heic Latine supplentur.*” Casaubanus, um dos autores que assinam as notas de rodapé, garante que, já muito antes do “*textus Arabicus*”, houve versões que registaram, pelo menos em parte, esta conclusão em língua latina.

9. Discurso registado apenas no apêndice em língua latina.

## RESUMOS

Este artigo tem por fim introduzir a leitura de um texto com muitas versões em latim e grego desde a Idade Média. As figuras da narrativa são pagãs, mas a mensagem é cristã: a prática da virtude é mais importante que o conhecimento. Tal permite subir a uma montanha com três círculos, degrau a degrau, até que a luta pela felicidade atinja a *morada dos bem-aventurados* (*beatorum domicilium*).

This article aims to introduce the reading of a text with many versions in Latin and Greek, since the Middle Ages. The narrative figures are pagan but the message became Christian: the practice of the virtue is more important than knowledge. Consequently, it allows to climb a mountain with three circles, step by step, until the struggle for the happy life reaches the *beatorum domicilium*.

## ÍNDICE

**Keywords:** virtue/vice, practice/knowing, temptation, climb, struggle, happiness

**Palavras-chave:** virtude/vício, prática/conhecimento, tentação, subida, luta, felicidade

## AUTOR

**MANUEL AUGUSTO NAIÁ DA SILVA**

Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.

Iniciou os estudos clássicos na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, obteve o grau de doutoramento em Cultura Latina com a dissertação “Temas Comuns no *De Beneficiis* de Séneca e na *Virtuosa Benefeitoria* do Infante Dom Pedro” e ensinou línguas clássicas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É autor das obras “Minucius Felix,



Octavius”, “Temas de História da Língua Latina”, “Panorâmica da Língua Latina” e de artigos sobre diversos assuntos, sobretudo a relação entre as literaturas latina e portuguesa.

Atualmente investiga a obra *Sobre a Arte de Caçar com Aves*, sob a autoria de Frederico II, um texto latino sobre a caça na Idade Média.

He began the classic studies in the Classic University (“Faculdade de Letras”), in Lisbon, obtained the PhD in Latin Culture with the dissertation “Temas Comuns no *De Beneficiis* de Sêneca e na *Virtuosa Benfeitoria* do Infante Dom Pedro” and taught classic languages in the New University of Lisbon (“Faculdade de Ciências Sociais e Humanas”). He’s the author of the works “Minucius Felix, Octavius”, “Temas de História da Língua Latina”, “Panorâmica da Literatura Latina” and of papers on several matters, mainly the relationship between the Latin and Portuguese literatures. Nowadays, he’s investigating the work “*De Arte Venandi cum Avibus*”, under the authorship of Frederick II, a Latin text about hunting in the Middle Ages.